

Projeto Brinquedoteca Hospitalar Nosso Cantinho - Relato de Experiência de Brincar

Área Temática de Saúde

Resumo

Brinquedoteca Hospitalar “Nosso Cantinho” é um projeto do Serviço de Terapia Ocupacional do HC/UFGM. Funciona desde 1991, caracteriza-se como um espaço onde a criança internada, os acompanhantes e a equipe, podem brincar livre, espontânea e criativamente. Brincar é a função básica da criança, onde ela explora, descobre, aprende, apreende o mundo. A internação hospitalar provoca alterações na rotina de vida da criança, incluindo o brincar e sua motivação. Objetivos: possibilitar o brincar livre, criar, inventar, transformar, construir e se expressar; oferecer oportunidade de escolha, resgatando a experiência e o exercício da autonomia, possibilitando crescimento pessoal e aquisição de hábitos de responsabilidade; contribuir para a integração social das crianças; possibilitar pelo brincar espontâneo, a expressão da realidade interna; promover aperfeiçoamento técnico da equipe. Metodologia: as crianças vão à brinquedoteca, em diferentes momentos, por tempo inerente a sua vontade, sem intervir no tratamento clínico. Em 2003 atendemos 1288 crianças, acompanhadas no exercício ativo do brincar, processo fundamental do desenvolvimento como ser humano, sujeito de sua própria história. Quando se objetiva resgatar a saúde e melhorar a qualidade de vida, a brinquedoteca apresenta-se como uma proposta rica em recursos.

Autora

Patrícia Campos Chaves – Terapeuta Ocupacional vinculada ao Hospital das Clínicas

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais - UFGM

Palavras-chave: brinquedoteca; brincar; internação

Introdução e objetivo

Toda criança está inserida num contexto sociocultural particular. Ela tem sua própria trajetória, sua individualidade, seu ritmo, seus sonhos, seu jeito de ser, ela é única, e autora de sua própria história. O desenvolvimento infantil ocorre num contínuo, onde vários aspectos (motor, sensorial, cognitivo, perceptivo, afetivo, sociocultural e lúdico) estão envolvidos e sendo trabalhados a todo momento. Uma internação hospitalar não irá interromper o curso do desenvolvimento, mas promoverá uma série de alterações na criança e em sua família. Para assisti-la é necessária uma atuação que busque sempre diminuir os efeitos nocivos da doença e seu tratamento, e um investimento na criança como ser vivo, capaz de desenvolver-se. É consenso na literatura, que quanto menor a criança, maiores serão os efeitos da doença e suas conseqüências no seu desenvolvimento, além também de ser menor sua capacidade de lidar com as dificuldades advindas de todo este processo. Os efeitos negativos da doença e seu tratamento irão acometer a criança como um todo, comprometendo-a também de forma global. A criança internada pode apresentar perda de funções em vários níveis, nos diversos aspectos de seu desenvolvimento, mas na maioria dos casos, não perde a percepção do que acontece à sua volta e quer participar, nem que seja para ser ouvida e respeitada. Entendendo a criança como ser ativo e em formação constante, é essencial oferecer e encontrar alternativas de atividades nas quais ela possa vivenciar o universo lúdico, tão próprio de sua idade e participar de alguma forma do que acontece ao seu redor.

Segundo Chiattonne (1887), “durante o tratamento e a hospitalização algumas alterações são vividas pelas crianças, como: Medo ou sensação de abandono. Apesar da internação conjunta (mãe ou acompanhante), há o distanciamento dos membros da família e do grupo social ao qual a criança pertence. Medo do desconhecido. A criança é exposta a uma nova realidade onde tudo é diferente, o lugar, as pessoas, os procedimentos, as rotinas. Sensação de punição ou culpa. A criança pode entender a doença ou o tratamento como castigo por alguma ação sua, o que acarreta mais sofrimento e até dificuldades de intervenção para a equipe. Limitações impostas pela evolução da doença e pela diminuição da possibilidades de atuação da criança no mundo que a cerca. Surgimento ou a intensificação de sofrimento físico.

Despersonificação. A criança sofre com a separação de seu universo social, onde fazia parte de um grupo e exercia papéis definidos, com o enquadramento dentro das rotinas e procedimentos institucionais (ela usa roupa do hospital, recebe um número, uma cama diferente da sua e igual a de todos...), além das alterações/agressões corporais sofridas em consequência da doença ou do tratamento.” Tudo isto ocorre ao mesmo tempo, mas com intensidades diferentes em cada criança, levando-se em consideração sua idade, situação psico-afetiva, capacidade de adaptação, atitudes da equipe, rotinas hospitalares, motivo e duração da internação. Estas condições vão determinar um maior ou menor grau de comprometimento durante o processo de tratamento.

Sendo assim é essencial que as intervenções realizadas com a criança atuem no sentido de minimizar as seqüelas deste processo. Diante de todas estas questões, em 1991 ao serem finalizados os atendimentos de Terapia Ocupacional, onde os brinquedos eram utilizados como recurso terapêutico, as crianças começaram solicitar a permanência destes no leito .

Foi então, que a terapeuta ocupacional Sueli Handan, propôs a criação de uma brinquedoteca para empréstimo de brinquedos às crianças internadas na Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFMG. O projeto desenvolveu-se desta forma até 1996 quando surge a 1ª proposta que aponta a necessidade de estruturar um espaço próprio para o brincar na enfermaria pediátrica, feita pela terapeuta ocupacional Rosângela Rodrigues.

Entendendo o brincar como a função básica da criança, que brincando ela explora, descobre, aprende, apreende o mundo a sua volta e que numa situação de internação hospitalar, toda sua rotina de vida é modificada, o que inclui também o brincar e a motivação inerente a todas as crianças. Ao se objetivar o resgate da saúde e a melhora na qualidade de vida, enfoque principal do trabalho pretendido pela Terapia Ocupacional da Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFMG, a brinquedoteca apresentou-se como uma proposta rica em recursos que vinha atender a demanda da clientela.

Ainda em 1996 iniciam-se atividades de brincar no refeitório da pediatria, numa parceria entre o setor de Terapia Ocupacional do HC e o Departamento de Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física da UFMG.

Diante dos bons resultados observados, em 1997 as terapeutas ocupacionais Maria do Carmo de Souza Mota Avelar Gomes e Patrícia Campos Chaves apresentam proposta da Brinquedoteca Hospitalar "Nosso Cantinho", que além dos empréstimos, caracterizaria-se como um espaço exclusivo, onde principalmente a criança internada, mas também acompanhantes e a equipe, poderiam brincar livre, espontânea e criativamente, sendo inaugurada em outubro do mesmo ano.

O serviço de Terapia Ocupacional da Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFMG viveu em 1998 momentos de questionamentos que apontavam a necessidade de mudança na assistência oferecida. No período ora referido, a Brinquedoteca Hospitalar “Nosso Cantinho” funcionou somente contando com a atuação das duas terapeutas ocupacionais da unidade, responsáveis pelo projeto. A proposta, que em anos anteriores também contara com a participação de alunas de Terapia Ocupacional em estágio curricular (o que não mais ocorria),

sofria com o impacto do pequeno número de atuantes, diante da demanda apresentada na unidade.

Surgiu então a proposta de inscrever esta ação como projeto de extensão da universidade em 1998, com estagiárias voluntárias e com 01 estagiária bolsista em 2000. Assim funciona até hoje.

Durante todo o seu funcionamento, a Brinquedoteca Hospitalar "Nosso Cantinho" firmou-se como espaço efetivo para o brincar, atividade conhecida como o fazer infantil, instrumento da Terapia Ocupacional, que é entendido teórica e empiricamente, como veículo fundamental do resgate da autonomia, senso de responsabilidade e espaço vital da criança.

A manutenção da proposta da Brinquedoteca, que hoje integra, a rotina das crianças na Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFGM, pretendida enquanto projeto de extensão, nasceu da assistência e tem acompanhando as crianças no exercício ativo do brincar, acreditando ser este processo fundamental em seu desenvolvimento como ser humano, sujeito de sua própria história.

A atuação das estagiárias bolsistas e voluntárias que integraram o projeto, tem sido de suma importância na concretização dos objetivos propostos, na inserção do brincar na rotina diária das crianças internadas. Apresenta-se tanto como resposta a muitas das questões que permeiam a prática (assistência mais abrangente, que atendesse ao maior número possível da clientela internada na referida unidade, mudança no perfil desta, aumento na produtividade sem compromisso da qualidade da assistência e a garantia às crianças do exercício das atividades lúdicas), mas também possibilita às alunas a prática clínica do uso do fazer humano, e o entendimento teórico prático do significado e relevância do fazer infantil.

Os objetivos gerais são: oferecer à criança, um espaço próprio e definido para brincar. Atender a toda clientela pediátrica hospitalizada na Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFGM, numa perspectiva desenvolvimental, preventivamente, mantendo o bom nível da qualidade assistencial prestada. Uma vez entendendo que a atividade humana, no caso o brincar, é do homem, mesmo que possa ser utilizado por diferentes profissionais, com diferentes olhares, como recurso para o tratamento e cura, trabalha-se com base em referenciais teórico utilizados em Terapia Ocupacional, acreditando no uso e nos efeitos do brincar como fim em si mesmo.

Os objetivos específicos são: oferecer a possibilidade de brincar livremente, profundamente, podendo a criança dirigir a atividade, criar, inventar, transformar, construir e se expressar. As crianças têm trânsito livre na brinquedoteca, suas escolhas são respeitadas, lá ela é convidada a vivenciar seu comportamento mais autêntico, o brincar; oferecer a oportunidade de escolha, resgatando a experiência e o exercício da autonomia, possibilitando conseqüentemente o crescimento individual e a aquisição de hábitos de responsabilidade; permitir à criança participar de momentos em comunidade, contribuindo para sua melhor integração social. A criança ao deparar-se com outras tão debilitadas ou mais que ela, percebe que mesmo estando limitada pela doença ou tratamento é possível estar ao lado de outras crianças, brincar, aprender e se relacionar. Possibilitar, pelo brincar espontâneo, a expressão de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares (e porque não dizer, no nosso caso, hospitalares).

As rotinas hospitalares e os protocolos de propedêutica e tratamento são impostos às crianças, na brinquedoteca elas estão livres não só para fazer suas próprias escolhas, mas também para expressá-las e exercê-las. Investir no aperfeiçoamento técnico de todos os participantes da equipe da Brinquedoteca; visando não só a vivência da fundamentação teórica na prática da extensão, como a melhora cada vez maior na atenção e na qualidade do trabalho desenvolvido com as crianças internadas. Sendo o uso do brincar com crianças internadas em instituições hospitalares, uma área ainda carente de fundamentação teórica, é essencial que os profissionais que atuam no projeto busquem não só a aplicação da teoria

existente, mas o entendimento, a pesquisa e a produção de conhecimento. Isto, claro, reverterá em benefícios não só para a qualificação profissional, mas também para a melhoria na qualidade da assistência prestada. Orientar mães e acompanhantes sobre a importância do brincar para o desenvolvimento e o tratamento das crianças. É comum os familiares acreditarem que para a recuperação da criança, ela necessita ficar confinada ao leito, em repouso, “quietinha” e quando se deparam com a possibilidade dela brincar, muitas vezes não entendem o que esta atividade representa para o seu desenvolvimento. Devidamente orientados os pais/acompanhantes passam a entender melhor tal questão e a atuar como parceiros do projeto, aprendendo, brincando e estimulando a criança em sua vivência lúdica.

Metodologia

Atualmente as atividades do projeto têm se caracterizado por garantir a existência de um espaço específico para o brincar, que faça parte da rotina diária da Unidade Funcional Pediatria, abrindo diariamente; participando ativamente das atividades lúdicas e culturais que ocorrem na unidade como eventos e festas comemorativas (semana da criança, natal, outros); realizando adequadamente o registro de suas atividades, criando um banco de dados daquelas desenvolvidas até então.

A instituição fornece estrutura física, infra-estrutura básica e parte dos recursos humanos. A maior parte dos brinquedos, vídeos e livros utilizados são doados pela comunidade.

O projeto ocorre na Unidade Funcional Pediatria, 6º andar - ala sul, do Hospital São Vicente de Paulo no Campus da Saúde. As atividades ocorrem de 2ª à 6ª feira, das 13:00 às 17:00, perfazendo um total de 20 horas semanais. Para tanto, utiliza-se de formação em serviço de estagiários do curso de graduação em Terapia Ocupacional, assessorados pela coordenadora do projeto, em supervisão clínica direta e supervisões teóricas quinzenais. São trabalhados vários referenciais teóricos à cerca dos temas abordados em supervisão como: Hospitalização: dá ao aluno a percepção do contexto em que se encontra a clientela atendida e onde se dará sua intervenção; além de possibilitar o conhecimento das alterações e conseqüências que a hospitalização acarretam ao desenvolvimento infantil.

Terminalidade: busca familiarizar e preparar o aluno com questões relativas ao tema, com as quais se deparará durante o período de estágio. Desenvolvimento normal e brincar: Possibilita ao aluno conhecer o desenvolvimento infantil e o comportamento lúdico normais da criança, para que ele possa identificar os desvios ou alterações nestes aspectos, permitindo uma avaliação adequada e intervenção eficaz no que se propõe, dentro do projeto. Teóricos e teorias do brincar: Tema essencial para profissionais da Terapia Ocupacional na área pediátrica, uma vez que o brincar constitui a principal ação da criança, repercutindo em todos os aspectos de seu desenvolvimento.

O conhecimento teórico proposto aqui instrumentaliza o aluno na compreensão do uso desta atividade, nesta proposta de intervenção. Brinquedotecas: Apresenta de forma global a proposta de intervenção, que é a brinquedoteca, discutindo conceitos, objetivos, histórico, evolução, diferentes formas de apresentação, organização, planejamento, equipe de trabalho, custos e interação deste espaço de intervenção junto à equipe. Relação Brinquedoteca e Terapia Ocupacional: Apresenta os modelos profissionais que subsidiam a proposta. Discute a interlocução entre a Terapia Ocupacional e o Brincar nos aspectos teóricos e empíricos. Ética na saúde e Interdisciplinaridade: Propõe-se a despertar no aluno a necessidade e a importância de buscar uma prática interdisciplinar, baseada na competência teórica e no cuidado ético das relações profissionais.

O modelo de assistência que buscamos é o de trabalho interdisciplinar, com foco no paciente, agregando não só as contribuições teóricas, mas a participação de toda a equipe. Todos estes assuntos estão relacionados à modelos de atuação profissional específicos de

Terapia Ocupacional que fundamentam a atuação clínica no projeto (Modelo Chamoniano e Modelo da Ocupação Humana).

Resultados e discussão

Os resultados quantitativos observados foram colhidos no intuito de registrar as atividades desenvolvidas ao longo do trabalho, mesmo assim, apontam para uma questão significativa para o projeto: as atividades de brincar no espaço da brinquedoteca têm aumentado ao longo dos anos, ao passo que os empréstimos, apesar de serem o maior número de atividades têm gradativamente diminuído. Isto nos leva a acreditar, que no que se refere a estabelecer-se como um espaço específico para o brincar na Unidade de Internação Pediátrica do HC/UFMG, a brinquedoteca tem alcançado seus objetivos.

Tabela: Atividades desenvolvidas de 1998 a 2003

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	Total
Crianças atendidas	814	1.600	1.528	1.292	1.097	1.288	7.619
Crianças brincando	492	1.155	1.092	1.074	1.116	1.376	6.305
Empréstimos	2.879	3.550	2.774	2.688	2.934	1.964	16.789

Quanto aos resultados qualitativos, é difícil estabelecer parâmetros definidos que apontem claramente para os efeitos desta atividade. Temos usado como referencial o reconhecimento da equipe, acompanhantes e crianças que já assimilaram a atividade na rotina da unidade, que reclamam quando, por algum motivo ela deixa de acontecer, que freqüentam-na apesar das limitações, às vezes importantes, impostas pela doença e/ou tratamento, que participam e colaboram quando ocorrem outras atividades, como festas e eventos onde os profissionais que atuam na brinquedoteca trabalham ativamente, quando com freqüência o projeto recebe doação de brinquedos e livros da comunidade (voluntários, funcionários, acompanhantes e pacientes) e é claro, quando as crianças esperam pela abertura da porta e só saem de lá ao fechar.

Tudo isto nos aponta para a efetividade desta ação, mas também para questionamentos acerca do caminho desafiador a seguir, não só o de fundamentar, mas provar a eficácia de tais efeitos. Um outro viés que vem se desenhando, é o da integração com outras áreas e projetos. Isto tem colaborado para o crescimento e a troca de experiências, ampliando nossas possibilidades operacionais e na produção de conhecimentos. Em 2002, iniciamos o uso dos livros do “Projeto Biblioteca Viva em Hospitais”, projeto este, que veio proposto dentro do Programa Nacional de Humanização, e que contribuiu muito no enriquecimento do estímulo e fundamentação do uso da literatura infantil como recurso já utilizado dentro da brinquedoteca. Desde 2001 têm acontecido parcerias com o “Projeto Abraçarte” (Medicina) nas atividades desenvolvidas nas festas e eventos da unidade e em 2003 em pesquisa realizada também em parceria com a Psicologia da UFMG. Neste ano também, os projetos “Sala de espera”, “Espaço Lúdico-socializante” e Brinquedoteca Hospitalar “Nosso Cantinho” (todos 3 da Terapia Ocupacional) têm trabalhado compartilhando estagiárias (bolsista e voluntária) e realizando supervisões conjuntas.

Alunos das Artes Cênicas também iniciaram atividades no projeto, utilizando-se dos recursos técnicos que dispõem para estimular a ida das crianças ao espaço da brinquedoteca. Tudo isto nos aponta para a potencialidade desta ação enquanto um espaço de exercício da atuação prática de várias áreas profissionais, mas particularmente da Terapia Ocupacional. Isso podemos verificar nos depoimentos de alunas que já passaram pelo projeto ou estão nele, como Giovana Sofield – Terapeuta ocupacional formada pela UFMG em 2000: “ Até hoje sinto saudade dos tempos de estagiária da Brinquedoteca Nosso Cantinho!

Foram seis meses de aprendizado intenso, não só na prática do dia a dia com as crianças, mas nas supervisões e aulas teóricas sobre desenvolvimento infantil, o brincar e os modelos em Terapia Ocupacional. Só não fiquei mais tempo estagiando porque não era possível, mas dei um jeito de voltar, pois escolhi a Brinquedoteca como local de pesquisa para a realização da minha monografia de graduação, com apoio e orientação de Maria do Carmo e Patrícia. No “Nosso Cantinho” pude entender melhor a importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança e vi durante a prática o seu poder transformador. A apatia se transformava em interesse e a tristeza em alegria. Era possível resgatar sorrisos, força de vontade e coragem para enfrentar as dificuldades do momento. No fim do estágio tive que apresentar um projeto terapêutico, então criei “A caixa de histórias”! Sei que ela ainda está lá, grande e colorida chamando a atenção das crianças. Com essa bagagem consegui meu primeiro emprego em uma clínica às vésperas da formatura. Apresentei um projeto para auxiliar os pais das crianças que eu atendia. Na “Oficina do Brincar” orientava sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, brinquedos adequados a cada faixa etária, como estimulá-los e ainda como confeccionar brinquedos de sucata. Foi uma maneira de tornar os pais mais participativos do processo terapêutico de seus filhos e auxiliarem no desenvolvimento deles.” Érica Nicole de Souza - estagiária bolsista do projeto em 2004: “

A participação neste projeto tem contribuído grandemente para minha formação profissional, em vários aspectos, um deles refere-se ao contexto em que esta prática se desenvolve: o hospital geral. Neste, estou tendo a possibilidade de vislumbrar a atuação da Terapia Ocupacional com crianças internadas, portadoras de diversas patologias, tão diferentes daquelas que comumente nos ensinaram durante a graduação. Além disso, tenho visualização, na prática, como o brincar tão estudado por nós, terapeutas ocupacionais, é capaz de contribuir para a recuperação das crianças e para o processo de enfrentamento das inúmeras situações adversas que ocorrem durante a hospitalização. Ademais, as supervisões teóricas têm me proporcionado o aprendizado de conteúdos relevantes a uma formação profissional mais completa.” Estes depoimentos vêm confirmar que a Terapia Ocupacional, tem ao longo do trabalho na brinquedoteca, proporcionado aos alunos a oportunidade de exercer sua atuação na extensão e ao mesmo tempo, construir uma formação em uma área específica dentro da profissão.

Conclusões

A extensão no Projeto Brinquedoteca Hospitalar "Nosso Cantinho" nasceu de uma demanda da assistência e foi gradativamente apresentando-se não só como uma alternativa de alcançar os objetivos propostos, mas também como uma oportunidade de contribuir na formação de terapeutas ocupacionais, habilitando-os na prática desta área específica e ainda pouco abordada nos conteúdos curriculares que é a atuação em hospitalização infantil.

Apesar das dificuldades encontradas ao longo de sua história e com base nas questões apresentadas, a brinquedoteca tem se mostrado como um recurso que otimiza a recuperação das crianças internadas, com respaldo tanto da instituição como da comunidade hospitalar. Reconhecida como parte da rotina da unidade, apresenta-se como um espaço rico de integração de várias áreas de conhecimento e de formação para a terapeutas ocupacionais.

Durante todo seu percurso, vários foram os momentos, desde a criação, aceitação e reconhecimento dentro do próprio serviço e da instituição, identificação de novas demandas, construção enquanto espaço destinado ao brincar livre, espontâneo e criativo, a consolidação como projeto de extensão coordenado por funcionárias técnico-administrativas, introdução de estagiárias bolsistas e voluntárias, busca e construção de arcabouço teórico que fundamentasse a prática.

Hoje, novos desafios se apresentam, como o exercício da prática da Terapia Ocupacional, integrada a outras áreas de conhecimento que possam colaborar não só no

entendimento, mas na comprovação dos efeitos do brincar na saúde das crianças, ou seja, um novo objetivo apresenta-se para o projeto o de produzir conhecimento e pesquisa à partir da prática.

Isto, sem dúvida, irá reverter em melhora na qualidade da assistência e em respaldo teórico para manutenção desta atividade que vem lutando para garantir direito da criança brincar.

Referências bibliográficas

CHIATTONE, H.B.C. A criança e a Hospitalização In: ANGERAMI, A.V. **A Psicologia no Hospital**. São Paulo: Traço Editora, 1987. 45-84 p.

CUNHA, N.H.S. **Brinquedoteca – Um Mergulho no Brincar**. 2.ed. São Paulo: Maltese, 1994.

FRIELDMANN, A. “et al”. **O Direito de Brincar – A Brinquedoteca**. 1.ed. São Paulo: Editora Scritta/Abrinq, 1994.

JORGE, R.C. **O Objeto e a Especificidade da Terapia Ocupacional**. 1.ed. Belo Horizonte: GESTO, 1990.

KIELHOFNER, G.; BURKE, J.P. A Model of Human Occupation - Conceptual Framework and coment. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.34, n.9, p. 572-581, september, 1980.

KIELHOFNER, G: Modelo da Ocupação Humana: Parte II – Ontogênese através da Perspectiva de adaptação temporal. **Revista de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v.1, n.2, p. 114-123, 1990.

KIELHOFNER, G Modelo da Ocupação Humana – Ciclo benigno e ciclo vicioso. **Revista de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v.2, n.1, p.39-47, 1991.

KIELHOFNER, G Modelo da Ocupação Humana – Avaliação e Intervenção. **Revista de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v.2, n.2/3, p.127-144, 1991.

PARHAM, L.D.; FAZIO, L.S. **A Recreação na Terapia Ocupacional Pediátrica**. 1.ed. São Paulo: Santos Editora, 2000.